

Palestra do Guia Pathwork® nº 064
Palestra não editada
29 de abril de 1960

VONTADE EXTERIOR E VONTADE INTERIOR – EQUÍVOCO COM RELAÇÃO AO EGOÍSMO

Saudações, trago minhas bênçãos, caríssimos amigos. Abençoada seja esta hora.

Esta noite vamos discutir a questão da força de vontade. Dizem que, com a devida força de vontade, pode-se conseguir praticamente tudo. No entanto, vocês todos sabem por experiência própria que podem desejar muito alguma coisa sem consegui-la. Isso se deve não apenas às correntes de vontade contrárias inconscientes que dividem a sua vontade, mas também a algo que quase sempre passa despercebido. É o fato de existirem duas espécies de vontade: a interior e a exterior. É muito importante que vocês entendam isso.

Vamos ver primeiro qual é a diferença e como distinguir os dois tipos. Vocês poderão confirmar a veracidade do que digo se examinarem seus sentimentos e reações da maneira correta. Cada um de vocês sem dúvida já experimentou os dois tipos de força de vontade, mas sem perceber que existe uma nítida diferença entre ambas. O conhecimento dessa diferença vai abrir outras portas para vocês entenderem o eu, os outros e as leis do universo.

A vontade exterior é tensa, impaciente e contraída. A vontade interior é calma, descontraída, sem pressa. A vontade exterior é ansiosa e cheia de dúvidas. A vontade interior é segura e não conhece nem ansiedade nem dúvida.

A impaciência nasce da dúvida quanto ao resultado desejado. Se pensarmos bem, veremos que não pode haver impaciência onde há certeza. Por causa da incerteza ou dúvida quanto aos resultados, a pessoa não consegue esperar com tranquilidade. Assim, a impaciência, a dúvida e a ansiedade estão estreitamente associadas. Como a vontade interior não conhece dúvidas, ela pode dar tempo ao tempo e acaba prevalecendo.

Para ter sucesso, a vontade exterior precisa ser sustentada, pelo menos até certo ponto, pela vontade interior. Na medida em que a vontade interior funciona, nessa mesma medida ocorre o sucesso. Se o grau de força de vontade interior for pequeno em relação à vontade exterior (com todas as suas correntes conflitantes), o resultado desejado acabará não se concretizando.

A vontade interior provém do plexo solar. A vontade exterior provém em parte do intelecto e em parte das regiões superficiais da alma. A vontade exterior tem como motivação, muitas vezes, sentimentos, desejos, reações e raciocínios imaturos. A vontade interior provém totalmente do eu superior.

Vamos pensar agora por que a vontade interior é impedida de funcionar. Esse impedimento é provocado pelas diversas camadas de erro, desvio em relação à verdade, e ilusões que predominam no mundo manifesto. Em resumo, é por causa das imagens, das conclusões erradas e das concepções equivocadas que vocês trazem na mente consciente e inconsciente. Elas sempre deixam vocês incertos e divididos interiormente, porque lá no fundo sabem que alguma coisa está errada. Embora essa seja uma sensação vaga, vocês sabem que não está de acordo com a vontade e não vai desaparecer se vocês não fizerem o trabalho de autoconhecimento e autodescoberta. Essa sensação vaga de alguma coisa errada deixa vocês totalmente incertos, mesmo quanto aos seus desejos e à satisfação deles. Mesmo se os desejos forem completamente legítimos e saudáveis, permanece a incerteza sobre eles. Isso não acontece apenas porque parte da motivação do resultado desejado pode ser muito imatura e egoísta a ponto de ofuscar as motivações boas e saudáveis, mas também porque os desvios e conceitos equivocados inconscientes, separados do próprio desejo, são suficientes para encobrir a vontade interior, impedindo-a de funcionar.

Vamos supor que vocês tenham um desejo relativamente modesto e não de todo contaminado por motivações doentias. No entanto, a vontade interior é impedida de funcionar plenamente por causa das imagens existentes que podem não ter nenhuma relação direta com o desejo em questão. Em resumo, quanto mais saudável a psique, melhor funciona a vontade interior. A psique doentia é sempre confusa, incerta não apenas com relação aos outros e o mundo, mas principalmente com relação a si mesma. A confusão gera dúvida; a dúvida gera impaciência; a impaciência gera ansiedade e tensão. Além dessa reação em cadeia, é preciso considerar também outras correntes. Se existe dúvida com relação a um desejo, ele vem junto com uma sensação de culpa. No entanto, o desejo pode ser duplamente forte, em parte por causa da motivação saudável e boa, e em parte por causa da motivação doentia. Esta cria sempre uma compulsão. Assim, culpa e compulsão – duas direções opostas – afligem ainda mais a vontade interior.

Vocês podem desejar da maneira mais intensa um determinado resultado, mas devido às condições mencionadas, a vontade interior não consegue penetrar. O que vocês desejam externamente é ao mesmo tempo questionando internamente – por vocês mesmos. Além de duvidarem de que conseguirão concretizar o desejo, vocês também duvidam de que ele esteja certo e seja justificado. O sentimento vago e inconsciente quanto ao seu possível egoísmo (devido à imaturidade) faz com que vocês duvidem que mereçam o resultado vantajoso. Nem é preciso dizer que essas dúvidas são o maior entrave à força de vontade interior.

Quanto mais a vontade interior é travada, mais vocês procuram compensar, fortalecendo a vontade exterior. Mas a força da vontade exterior é sempre doentia. Ela é um substituto ruim. Ela é cheia de tensão, ansiedade e impaciência. Como não consegue funcionar, ela também gera frustração, e com isso mais dúvidas sobre o eu. Esse processo realimenta a sensação de inadequação e inferioridade.

A vontade exterior também pode ser composta por motivações saudáveis. Motivações doentias, como a presunção, o orgulho, a vaidade, o princípio do domínio, etc., somente podem existir na vontade exterior, jamais na interior. A vontade interior é pura, saudável, isenta de dúvidas. Ela flui tranquilamente. Ela sabe. A vontade exterior não flui. Ela puxa e empurra em todas as direções. Vista do nosso ângulo, ela é uma corrente áspera, desigual, como o clarão de um raio, às vezes mais forte, outras vezes mais fraca. É angular, muitas vezes pontiaguda, com ondulações na direção e na

frequência. A vontade interior, ao contrário, apresenta um fluxo lento e uniforme, sempre arredondado.

Isso vai mostrar mais uma vez a vocês a necessidade de eliminarem da alma todas as atitudes e reações doentias e errôneas. É importante para a felicidade de vocês. É verdade, como se diz, que vocês podem mover uma montanha com a força de vontade suficientemente poderosa, mas isso precisa vir de dentro. E pressupõe a existência de uma alma saudável. Se vocês investigarem de onde provém a sua vontade, poderão lançar mais luz sobre o eu e entender melhor a si mesmos. Se e quando vocês descobrirem que ela vem da personalidade externa, podem continuar investigando por que é assim, o que ela é, que motivações e incertezas estão bloqueando a vontade interior. Será da maior utilidade também nesse caso vocês fazerem uma lista dos seus desejos. Ouçam seu íntimo, sintonizem-se com o “sabor” da força de vontade, procurem determinar qual ela é. Se for a vontade exterior, vocês terão um leve sentimento de dúvida, escrúpulos, uma certa culpa, e talvez uma pergunta – saber se têm ou não direito ao desejo. Ou então, a vontade exterior é tão impaciente, tão apressada e tão tensa que vocês ficam totalmente desconcertados ao pensar nesse desejo. Por trás dessa urgência, fatalmente vocês vão encontrar a mesma incerteza e a mesma dúvida que, em outros casos, podem ser mais evidentes. De qualquer forma, será recomendável examinar as motivações doentias que podem existir lado a lado com as saudáveis. Como vocês bem sabem, muitas vezes as motivações saudáveis servem como racionalizações das doentias. A percepção de que vocês não conseguirão o que desejam, a menos que se livrem das motivações doentias e errôneas, pode constituir um novo incentivo para fazer este trabalho.

Se vocês descobrirem que a sua vontade interior funciona em alguns casos, vão se sentir muito diferentes. Não vão sentir absolutamente nenhum mal-estar, e sim muita serenidade no seu desejo. Também vão ter a certeza de que ele será realizado. Talvez exija algum tempo, mas vocês não ficarão impacientes nem resignados. Estarão unidos interiormente. A vontade interior possui uma força pura, uma força que não deixa vocês tensos. Esse trabalho é muito importante para vocês, queridos amigos. É o único meio que vocês têm de eliminar as camadas exteriores da vontade que atrapalham a vontade interior. Mesmo que as duas correntes de vontade persigam o mesmo objetivo, mesmo que a vontade exterior e a interior queiram a mesma coisa, o simples fato de a vontade exterior funcionar com toda a sua impaciência tensionada impede que a vontade interior se desdobre, flutue, afete as forças cósmicas.

Como já foi dito, muitas vezes as suas imagens e equívocos pessoais constituem um entrave à vontade interior, mas a mesma coisa fazem algumas imagens de massa que vocês adotaram por causa dos conflitos interiores pessoais. Gostaria de discutir agora uma dessas imagens de massa ou equívocos de massa. É uma imagem muito difundida que afeta praticamente todas as pessoas em algum grau. Também é um fator muito forte que impede a operação da vontade interior. Trata-se do conceito do egoísmo e do altruísmo. A maioria das pessoas apresenta uma distorção em relação ao que é egoísta e o que é altruísta.

Existe uma opinião muito comum – se não como pensamento consciente, pelo menos como visão inconsciente – de que tudo que traz felicidade a vocês prejudica necessariamente outra pessoa. Portanto, é inevitável que a consciência incomode vocês sempre que estão felizes, independentemente de vocês serem ou não efetivamente egoístas. Essa culpa fatalmente afeta a vontade interior de ser feliz. Inconscientemente, vocês acham que, se desfrutarem de alguma coisa, se obtiverem algo que dá prazer ou felicidade, será forçosamente em prejuízo de outra pessoa. Como vocês aprende-

ram que é errado ser egoísta, precisam suprimir o desejo “egoísta”. Assim, vocês deixam de perceber se os seus desejos são ou não de fato egoístas, e suprimem todos os desejos, indiscriminadamente. Acreditando que todos os desejos de felicidade são egoístas, vocês não ousam ter desejo algum. No processo de supressão, incapazes de distinguir uns dos outros, vocês juntam os desejos realmente egoístas com os desejos saudáveis, que nada têm a ver com egoísmo. Dessa maneira, não há como separá-los, julgar, chegar a um acordo sobre eles. Somente nesse caso vocês teriam condições de optar livremente por alguns desejos e deixar de optar por outros. Em resumo, os desejos visam a felicidade, a felicidade é “egoísta” (de acordo com o conceito inconsciente de vocês), portanto todos os desejos são suprimidos. Assim, eles são tirados de cena, mas continuam a existir por baixo da superfície. Os desejos realmente egoístas da sua mente subconsciente geram em vocês um sentimento de culpa igual ao dos desejos corretos. Ambos continuam a clamar e a bradar, mesmo que, muitas vezes, vocês não percebam. Além de tudo isso, o fato de frustrarem os desejos os deixa ressentidos. Vocês se ressentem do mundo por não lhes permitir serem felizes, quando na realidade a causa é a sua conclusão errada. Pelo processo de supressão de todos os desejos e impulsos, os infantis e portanto efetivamente egoístas, não podem amadurecer e evoluir. Isso somente pode acontecer se eles forem enfrentados e tratados, conscientemente. Por outro lado, os seus desejos e impulsos legítimos e saudáveis, nem um pouco egoístas, não são satisfeitos.

Todos vocês são oprimidos pela conclusão inconsciente de que uma coisa é egoísta simplesmente porque os faz felizes. Isso é muito trágico, meus amigos. É um preço desnecessário que vocês pagam pela felicidade e alegria. Vocês não ousam desejar a felicidade, simplesmente por deixarem de distinguir o egoísmo verdadeiro do imaginário. Toda vez que se manifesta um impulso correto e saudável de autoexpressão, vocês o concebem, o sentem da mesma maneira que fazem com o egoísmo realmente imaturo e não refinado.

A questão agora é como tratar o verdadeiro egoísmo que existe na parte imatura de todo ser humano. A maneira habitual e errada de tratar essa questão é suprimi-la e sobrepôr a ela um altruísmo compulsivo que não é realmente sentido. Daí decorre o conceito inconsciente de que seria de fato muito agradável ter a possibilidade de ser egoísta. Essa noção cria raízes em vocês, que acreditam, inconscientemente, que isso lhes traria felicidade mas, que pena, isso não lhes é permitido. Vocês acham, erroneamente, que caso cedessem, não seriam amados nem receberiam aprovação. Como o amor e a aprovação são uma necessidade, vocês preferem abrir mão da “felicidade”. O conflito interior pode ser assim enunciado: “se eu pudesse ser egoísta, poderia fazer tudo que quero. Isso significaria a felicidade. Por outro lado, não posso ser feliz se não receber amor e aprovação. Portanto, preciso ficar infeliz para ser feliz”. Isso parece totalmente ilógico, mas o subconsciente imaturo é assim, ilógico e contraditório. Agora vocês podem ver a enorme confusão que existe na alma do homem. Tenho certeza que não será muito difícil vocês confirmarem a existência de sentimentos semelhantes em vocês. Até me arrisco a dizer que esse conflito existe em algum grau em todos os seres humanos, sem exceção. Em alguns, pode ser menos pronunciado, mas mesmo assim existe. A existência dessa conclusão errada é responsável pela desesperança que sentem tantas vezes. Essa total desesperança encontra um canal de vazão no mau humor ocasional que às vezes vocês explicam por razões externas e racionalizações. Esse conflito é a realidade por trás dessa desesperança. Se esse equívoco fosse verdadeiro, a felicidade seria, de fato, impossível. Vocês teriam razão em não ter esperança, se não pudessem ser felizes sem serem amados e não pudessem ser amados sendo felizes (sendo a felicidade igual a egoísmo, de acordo com esse conceito errôneo). Dos dois jeitos, existe infelicidade. Vocês podem oscilar entre as duas alternativas, mas para qualquer lado que se voltarem, ficarão infelizes e frustrados. Muitas vezes vocês se revoltam interiormente e procuram obrigar o

mundo e as pessoas que os cercam a violar essa “lei”, ou o que parece ser uma lei. Mas, por causa da sua convicção com respeito a essa situação impossível, vocês tomam o caminho errado. A ironia disso é que vocês procuram sair dele, às vezes, manifestando na verdade os seus impulsos mais infantis e egoístas, e não os saudáveis e legítimos. Essa atitude ofende os outros e provoca uma reação negativa. Isso, por sua vez, os convence mais uma vez de que estão numa dificuldade irremediável. Como a revolta é de natureza inconsciente, não lhes ocorre optar pelos impulsos realmente saudáveis. Nesse processo inconsciente, vocês escolhem os exemplos mais radicais para sua “experiência”. Tais exemplos radicais são os impulsos egoístas. É somente com o aumento da consciência e da discriminação e seleção conscientes que vocês adquirem condições de fazer a opção adequada, tendo assim a prova de que sua conclusão estava errada. Fica evidente que o conflito frustra a vontade interior e o merecido êxito do seu desejo.

A idéia de que o egoísmo, se permitido, seria um estado mais feliz pode estar apenas na mente inconsciente de vocês, que ao mesmo tempo sabem, conscientemente, todas as respostas corretas. Nesses casos, um questionamento da maneira correta acabará levando vocês para mais perto da contradição interior e do bloqueio a esse respeito. Ao irem bem fundo, as respostas serão cada vez mais arquitetadas e cada vez menos convincentes, mesmos para vocês. Quando isso acontecer, vocês chegarão à área perturbada. Mas alguns, se não se derem ao trabalho de pensar um pouco a respeito, podem até estar conscientemente convencidos dessa conclusão errada.

Quer esse equívoco esteja presente na mente consciente ou inconsciente, como vocês podem ser livres no ato altruísta que devem praticar todos os dias? Se vocês sempre praticam ou não atos altruístas não é o que nos interessa agora, pois de qualquer forma pode haver um conflito interior. Não praticar o ato altruísta lhes dá a sensação de culpa; praticá-lo parece ser uma violação da vontade e das suas convicções. Ele não pode ser um ato livre, uma opção independente. Sempre que vocês fazem alguma coisa por compulsão, e não por “concordância”, como vocês podem deixar de estar divididos interiormente? Estão necessariamente divididos, estão em conflito consigo mesmos, sem paz de espírito e a sensação de correção. Como podem ser felizes fazendo algo que lhes dá a sensação de culpa, ou algo que parece ir contra seus interesses pessoais. Ambas as alternativas trazem insatisfação, enquanto for essa a situação.

Vamos examinar agora por que esse conceito é errado. O que vou falar se dirige à parte da personalidade de vocês que abriga esse equívoco, seja em que camada da consciência for.

Em primeiro lugar, nem tudo que os faz felizes é automaticamente egoísta e prejudicial aos outros, simplesmente por fazê-los felizes. Muito pelo contrário, a pessoa feliz é mais capaz de proporcionar felicidade e alegria aos outros. Vocês têm o mesmo direito de consideração por si mesmos que qualquer outra pessoa. Somente a pessoa livre, forte e feliz pode ter uma vida realizada e contribuir positivamente para seu ambiente. Para tanto, vocês precisam ter consideração por si mesmos, precisam respeitar seus direitos. E estes não vão de fato entrar em conflito com os interesses e direitos dos outros. Às vezes, pode parecer que é assim. A única maneira de decidir a questão é a total honestidade consigo mesmos. Não existem regras fixas para determinar se os seus atos são certos ou errados, porque eles parecem ir contra os interesses de outra pessoa. No entanto, é fundamental que vocês tomem plena consciência de todos os seus desejos, impulsos e motivações. Somente assim poderão discriminar e avaliar o que é egoísta e o que não é.

Quanto ao verdadeiro egoísmo que parece tão desejável e vantajoso (consciente ou inconscientemente), tenho o seguinte a dizer. Na realidade, o egoísmo não lhes pode proporcionar nenhuma vantagem, mesmo que pareça ser assim naquele momento. Quanto mais a consciência de vocês se eleva, mais absoluta será essa convicção. Por enquanto, talvez vocês tenham dificuldade em entender essa verdade, e só podem se esforçar para atingir o objetivo de uma visão mais completa da verdade. Mas essa visão não pode se tornar parte de vocês enquanto procurarem forçá-la, enquanto agirem corretamente por acharem que devem, enquanto a decisão não for totalmente de vocês e, portanto, livre. Nesse ínterim, tudo o que podem e devem fazer é serem honestos consigo mesmos. Enquanto ainda lhes parecer que o ato egoísta seria mais desejável, vocês podem pensar nele da seguinte maneira. Se vocês vivenciam um fato isolado, esse fato, com todas as suas causas e efeitos, terá um aspecto diferente de quando encaram esse mesmo fato num contexto mais amplo. Em outras palavras, um determinado incidente pode de fato parecer justificar a visão de que o egoísmo é vantajoso. Mas se vocês acompanharem as reações em cadeia, inevitavelmente vão adquirir uma perspectiva diferente. Essa visão diferente dará a vocês o desejo e o livre arbítrio de decidirem por si mesmos a favor do ato altruísta, em vez de serem levados a praticá-lo, como antes. Só isso já vai fazer uma enorme diferença. Automaticamente um novo panorama vai se descortinar, mostrando que o egoísmo não é vantajoso, nem a curto nem a longo prazo. Ele está divorciado da realidade. Enquanto vocês virem apenas os primeiros efeitos de um ato, não podem ter uma visão do quadro como um todo. Trata-se apenas de um segmento dele. O segmento não pode transmitir o todo. Vamos dizer que alguém lhes mostre uma pequena pedra de uma grande casa. Vocês podem afirmar certos fatos simplesmente ao olhar a pedra. Podem dizer qual é a qualidade e a cor da pedra. Mas não podem dizer, a partir da pedra, qual é o tipo de casa. Não podem julgar a beleza, o estilo, a arquitetura da casa, nem seu interior, a proporção e os móveis dos cômodos, etc. Em outras palavras, o segmento permite apenas uma capacidade limitada de julgamento. O mesmo acontece com os atos, atitudes e reações interiores e exteriores do ser humano. Considerando apenas o efeito imediato, vocês se encarregam de passar um julgamento sobre o quadro todo, partindo apenas do segmento disponível. Vocês precisam ampliar a visão para terem condições de enxergar o quadro mais real. Isso não significa aceitar algo pela fé, nem significa que por serem bons a suas vidas no além será boa. O efeito da ação correta pode ser visto no aqui e agora, enquanto ainda estão no plano terreno.

Quando julgam ou acham que o egoísmo seria vantajoso, vocês deixam de perceber o óbvio. Deixam de fazer a ligação entre causa e efeito. É por isso que a sua visão é tão nublada. Vocês não precisam de visão sobrenatural nem de conhecimento metafísico para entenderem o óbvio. Precisam apenas pensar, ir um pouco mais longe e enxergar o que está bem diante dos seus olhos.

Vamos supor que vocês precisem optar entre um ato egoísta e um ato altruísta. O ato altruísta não parece proporcionar benefícios a vocês, pelo menos não diretamente. No entanto, se estiverem objetivamente convencidos de que ele é benéfico, seja para o mundo em geral, seja para um pequeno grupo, seja para apenas alguma outra pessoa, inevitavelmente ele também vai beneficiá-los de alguma forma, talvez nem sempre de imediato, mas com frequência muito mais cedo do que imaginam. Essa convicção vai crescer. Vai se transformar num fato, mas apenas se a opção pelo ato altruísta for livre e não compulsiva, se for feita por convicção e com a certeza cabal de que a ação praticada é correta. Decidam-se por ela unicamente por estarem convencidos de que é correta e não por quererem receber uma recompensa, na forma de afeto, amor, aprovação e obrigação por parte dos outros, ou por acreditarem que Deus vai recompensá-los por serem bons filhos. Em outras palavras, o ato de vocês precisa ser de sua própria escolha e praticado por ele mesmo (não importa quem seja o aparente

beneficiado imediato), e não porque querem ganhar alguma coisa com ele. Quando agirem assim, não haverá divisão interior. Isso vai ampliar os seus horizontes e elevar a sua consciência para o patamar de maturidade necessária. Vocês então terão a revelação da verdade de que o egoísmo não é vantajoso e, certamente, não é de seu interesse. Ou para dizer de outra forma, o altruísmo é saudavelmente “egoísta”.

Eu disse anteriormente que praticar um ato de altruísmo em troca de uma recompensa transforma esse ato em egoísta. No entanto, se vocês praticarem o ato correto de maneira madura, sem motivos ulteriores e por livre vontade, haverá um tipo de recompensa, ou seja, a boa sensação de estar em paz consigo mesmo, a segurança que apenas o respeito por si mesmo pode proporcionar. Fazer algo que vocês aprovam de todo coração aumenta o respeito por si mesmo, uma nítida vantagem que se manifesta de muitas, muitas formas. Ele vai proporcionar a vocês, entre outras coisas, a força para superar muitas fraquezas que talvez vocês desprezem. Vai diminuir alguns medos e ansiedades, principalmente no trato com outras pessoas. O medo que vocês sentem dos outros se baseia sempre nos seus próprios sentimentos de fraqueza e inadequação. Na medida em que vocês equacionarem suas confusões, na medida em que tomarem a decisão independente de praticar um ato altruísta, ficando assim em paz interiormente, vocês vão adquirir aquele respeito por si mesmos que reduz a inadequação e o desprezo que deixam vocês fracos e temerosos com relação aos outros.

Nunca é demais enfatizar que é importantíssimo o fato de o ato altruísta ser praticado porque realmente querem ou porque acham que devem. Enquanto estiver ausente a convicção que os faz quererem, vocês precisam continuar o trabalho de autoinvestigação, de exame de suas motivações e conceitos em comparação com a verdade objetiva, até chegarem ao ponto da convicção. Nesse ponto, e somente então, estarão em condições de perguntar a si mesmos se concordam, aprovam, justificam o assunto em questão. Somente então vocês serão capazes de fazer uma escolha livre, não determinada por compulsões. Isso, por sua vez, vai mostrar-lhes que o altruísmo não é um jugo que precisam aceitar contra suas convicções. Em vez disso, verão, sem sobra de dúvida, que o altruísmo na verdade é “egoísta” num sentido saudável, e que é vantajoso para vocês, desde que sua motivação seja correta, sua decisão seja livre e suas reações sejam maduras.

Isso vai livrá-los do equívoco de que o egoísmo poderia torná-los felizes, se vocês pudessem abandonar-se a ele. Esse equívoco dá origem a outro, o de que “a felicidade é egoísta” e, portanto, proibida. Por causa dessas conclusões erradas, a vontade interior não pode funcionar, não pode fluir de vocês. Cada vez que se manifesta o desejo de felicidade, uma vozinha interior a impede, quebrantando a vontade interior. Talvez o desejo “renasça” num nível exterior mas, como eu disse antes, a vontade exterior não é suficiente para vocês atingirem nenhum objetivo. Ela só os desgasta. Destroi a força interior, a serenidade, a paz.

Procurem, todos, reconhecer a sua vontade, saber de onde ela vem, que impressão dá. Se e quando descobrirem que a vontade interior está bloqueada, investiguem em que aspecto vocês duvidam da correção do seu desejo, e por quê. Às vezes, essa suspeita é justificada, porque o desejo pode, de fato, ser prejudicial a outros ou a vocês mesmos. Outras vezes o desejo é justificado, mas existem muitas motivações inconscientes doentias, ao lado de outras saudáveis. Em outras ocasiões ainda, o desejo pode ser completamente certo e bom, mas os seus conceitos errôneos – sobre o egoísmo, além de outros podem impedir que a vontade interior funcione.

A palestra de hoje tratou de um problema muito difundido e muito fundamental. Provavelmente teremos de trabalhar essa questão com cada um individualmente, ver como ela afeta cada um pessoalmente. A abordagem vai variar de pessoa para pessoa. Mas todos podem se preparar pensando no assunto, vendo como essas palavras se aplicam a vocês.

Alguém quer fazer perguntas sobre essa tema?

PERGUNTA: Uma pessoa pode praticar um ato altruísta, sabendo que ele não vem do eu real, e no entanto querer praticá-lo para mudar. Ninguém quer ter compulsões porque, ao mesmo tempo, a pessoa fica tão cansada, tão exausta, sem entender o que está faltando.

RESPOSTA: O próprio fato de você ficar cansado e esgotado é sinal de que ainda comete o ato altruísta contra a convicção interior e, na verdade, por compulsão. Você quer ser bom e altruísta, mas ainda sente, lá no fundo, que o ato egoísta seria vantajoso para vocês. Assim, você se força, e isso é o que cansa. Ninguém perde uma compulsão de uma hora para outra e atinge o estado em que faz opções com liberdade. A livre escolha só pode ocorrer depois que você perceber que o ato altruísta é vantajoso para você, ao contrário do ato egoísta. Esse equívoco pode estar profundamente oculto, e precisa primeiro vir à consciência. Não é possível pular essa etapa. Se você tentar, o ato altruísta vai continuar compulsivo e não livre. Em outras palavras, primeiro você precisa adquirir total consciência de que não quer praticar o ato altruísta, e por quê. Você precisa tomar consciência da sua revolta ao praticar atos altruístas no passado, bem como da culpa provocada pelos atos egoístas. Essa parte do trabalho é essencial, mesmo que às vezes e durante algum tempo seja um pouco sofrida. Mas não pode ser dispensada. É somente depois de vencer totalmente essa etapa que você terá condições de discriminar, julgar e escolher seus atos e atitudes. Nesse momento, você será capaz de reformular seus conceitos.

Muitos seres humanos que fazem análise não saem da etapa em que descobrem que seus legítimos desejos e impulsos foram suprimidos, mas juntamente com esses desejos legítimos, elas também trazem à tona os desejos egoístas, que agora se manifestam, e assim as pessoas passam de um extremo errado para outro. Nesses casos, a pessoa não vai até o fim. Pára no meio do caminho. Além disso, não é necessário concretizar os impulsos egoístas. Não existem só essas alternativas, suprimir o egoísmo ou manifestá-lo. Vocês podem reconhecer e julgar, sem dar vazão ao egoísmo ou à conduta prejudicial. Mas vocês precisam reconhecer, com total honestidade, caso contrário não poderão avançar. Aliás, é por esse motivo que a análise é acusada tantas vezes de tornar as pessoas mais egoístas. Se bem direcionada, seu resultado não precisa ser esse. Vocês não precisam cometer atos errados simplesmente porque, no passado, praticaram atos corretos pelos motivos errados. Se quiserem, vocês podem continuar a praticar os atos certos, mesmo enquanto ainda estão se conscientizando da razão de não gostarem de fazer aquilo. De qualquer forma, é um estado temporário, não importa qual seja a ação exterior. É um período de transição. O mais importante de tudo, no momento, é vocês se conscientizarem da razão de praticarem um determinado ato e do que sentem ao praticá-lo.

Resumindo, no começo, antes da investigação, vocês estão convencidos de praticar um ato altruísta, e detestam esse fato, sem terem consciência da raiva e da revolta provocadas por ele. Na etapa seguinte é que vocês descobrem a raiva e a revolta. Talvez também descubram que provavel-

mente culpam outras pessoas que os obrigaram (pelo menos é o que vocês acreditam) a praticá-lo. O passo seguinte é reconsiderar por que vocês estão realmente praticando esse ato e quais são suas verdadeiras motivações. Na maioria dos casos, o que se revela é que vocês agiram assim porque isso era o que se esperava e que vocês não queriam ofender os outros, por desejarem a aprovação deles, etc. Prosseguindo na investigação, vocês vão ver que, além dessas razões, vocês prefeririam muito praticar o ato egoísta. E por quê? Fatalmente a resposta será: porque vocês achavam que ele era mais vantajoso ou mais prazeroso. A essa altura, vocês chegam ao equívoco que somente pode ser corrigido por meio do verdadeiro conceito, se e quando vocês estiverem totalmente conscientes do equívoco em todas as suas facetas e graus. Além disso, ao chegarem a esse ponto, vocês precisarão admitir que o ato em questão não era apenas não altruísta por ser compulsivo e não livre, mas tanto mais porque vocês desejavam aprovação, e portanto o ato aparentemente altruísta era, na verdade, egoísta. Houve um mero deslocamento do egoísmo. Esse processo, descrito aqui em linhas muito gerais (pode variar de pessoa para pessoa), precisa ser vivido até o fim. Cada um pode decidir por si mesmo se quer ou não continuar a praticar um determinado ato. Isso também pode variar de caso para caso. No decorrer do nosso trabalho, vocês podem descobrir que cometerem atos injustificados e desnecessários, que outras pessoas tiraram proveito de vocês de uma maneira que, no fim das contas, será prejudicial para elas. Mas há muitos outros casos em que o ato em si é válido e razoável, e vocês podem decidir levá-lo adiante mesmo que ainda estejam confusos quanto às suas motivações. Em qualquer hipótese, o importante é reconhecer seus sentimentos, motivações e reações, seus conceitos interiores e muitas vezes inconscientes e, acima de tudo, a maneira como vocês enganam a si mesmos.

É somente ao permitir que as suas verdadeiras emoções venham à tona que vocês finalmente atingirão o ponto em que o conceito interior mudará e vocês terão de fato a convicção da verdade.

PERGUNTA: Apesar de eu ter feito uma escolha livre, sabendo de todas essas motivações erradas mas ao mesmo tempo desejando mudar, continuo a achar que isso é um pouco egoísta. Não é tanto por querer aprovação ou amor, mas talvez eu queira tentar uma maneira nova de agir.

RESPOSTA: Talvez você não queira tanto aprovação ou amor, embora possa não estar plenamente consciente desse fato, mas você pode querer fazer a vontade de Deus, ser uma pessoa espiritualmente avançada. Não importa qual é a motivação. Essa motivação também pode ser imposta de fora. Se você sente de fato que ainda existe egoísmo, apesar de reconhecer suas motivações negativas, isso significa que você não está plenamente consciente de todos os seus sentimentos, das conclusões e pensamentos inconscientes. Talvez você ainda não esteja consciente do grau em que uma parte sua ainda acha que o desejo egoísta inicial seria, na verdade, mais prazeroso. Aliás, talvez você ainda nem esteja plenamente consciente de quais são esses desejos. Por causa desse equívoco, muitas vezes os próprios desejos são suprimidos e precisam ser trazidos à luz. Isso precisa ser descoberto. O que você realmente deseja, e por que deseja? Por mais que isso pareça simples, e mais adiante realmente seja simples, no início é uma das maiores dificuldades de muitas pessoas. Esse trabalho inicial necessário costuma ser mais difícil do que vocês imaginam agora. Depois que ele é feito, parece muito mais fácil. O problema é sempre que, antes de ser atingido um determinado ponto do trabalho, o homem não sabe realmente o que se passa em seu íntimo. Ele está perturbado, mas não consegue identificar a razão. É comum vocês absolutamente não saberem quais são de fato seus desejos, e por quê. Se e quando aprendem a tomar consciência deles, toda vez que se sentem pertur-

bados e ansiosos, é um grande avanço no caminho. Vocês não podem ir mais fundo e analisar esses fatores se, primeiro, não souberem o que querem. Com essa descoberta, muitas vezes a perturbação diminui muito, pelo simples fato de vocês passarem a saber o que querem e o que realmente os per-turba, por trás da racionalização.

Meus queridíssimos amigos, que minhas palavras proporcionem a vocês mais elementos para o seu progresso interior. Elas contêm uma semente muito, muito importante para todos. Elas podem abrir um novo panorama para levar a uma nova liberdade. Elas contêm uma das importantes chaves para tirar o eu real de sua prisão. Sejam abençoados, todos vocês, meus caros. Fiquem em paz, fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.